

## **O TRABALHO COMO PALCO DAS COMPLEXAS RELAÇÕES FAMILIARES.** Natália Duque Cassiano, Francisco Hashimoto, Mychele Capellini Moris.- Humanas – Psicologia – Departamento de Psicologia Experimental e do Trabalho - Faculdade de Ciências e Letras – Campus Assis

O sofrimento no trabalho engloba situações do passado e situações atuais. Pode-se dizer de uma dimensão temporal que vai além do espaço, visto que não implica somente processos no interior da fábrica, ou empresa, mas engloba processos fora desses ambientes, como por exemplo, o espaço doméstico.

O estudo da Psicopatologia do Trabalho se propõe a investigar como os trabalhadores elaboram estratégias para lidar mentalmente com a situação de trabalho. Pode-se dizer que o sofrimento é o espaço de uma luta na qual de um lado está o “bem-estar” e do outro lado está a doença ou a loucura. Cabe dizer que na loucura aparecem sintomas cuja forma se origina mais na história de vida do indivíduo do que na situação de trabalho. O trabalho vem desencadear o processo de doença.

Segundo a psicanálise os traços mais estáveis da personalidade se consolidam na infância. Há uma série de etapas nesse processo que começa no nascimento. Tais etapas são marcadas pelas relações da criança com seus pais. A criança inconscientemente, por exemplo, luta contra o sofrimento dos pais como se fosse dela. Ela não se dá conta de que a angústia não pertence a ela, mas sim aos seus pais. A criança não expõe esse sofrimento aos pais de forma clara fazendo com que se cristalice nela uma zona de fragilidade psíquica, que dará espaço também a uma curiosidade de entender o sofrimento dos pais (curiosidade chamada em Psicanálise de epistemofilia). A criança cria para si uma série de teorias infantis que vão se suceder e ocuparão posições no espaço psíquico do adulto. Para melhor expressar tais teorias a criança utiliza-se do jogo.

Diante disso, pode-se supor que o trabalho é mais uma forma de transportar o “sofrimento inicial” para a realidade social. Não se trata unicamente dessa vez de obter prazer no jogo, mas de uma ação que promove relações sociais.

Nesse processo podemos dizer de um teatro da infância que remete ao sofrimento dos pais e de um teatro do trabalho onde há novas configurações de se representar um cenário próximo do cenário inicial do sofrimento.

Conforme os estudos precedentes a respeito do sofrimento que o homem é submetido e que, muitas vezes, remete à sua infância, procurou-se estabelecer relações dessas experiências infantis com a forma de encarar a realidade e com a forma desse sujeito se relacionar com o trabalho. A maneira como o indivíduo se comporta em um determinado ambiente, no caso o ambiente de trabalho, diz muito de como foram construídas suas relações. Considerando que as primeiras relações de um indivíduo são com seus pais, pode-se pensar que as relações que estabelece no trabalho quando adulto edifica a forma como se relacionaram com as primeiras figuras ao longo do tempo. Tendo isso claro, pode-se partir de que os pais desse indivíduo passaram pelo mesmo processo que ele, sendo importante constatar então que um indivíduo, nesse contexto, é um emaranhado de relações, concepções, valores que se estendem por várias gerações.

Dentro dessa perspectiva, abordou-se a transmissão nas relações familiares analisando o mecanismo da repetição e suas repercussões no trabalho.

O objetivo geral desse projeto é o de pesquisar as influências das relações familiares na organização. Além disso, pretendeu-se compreender a transmissão nas relações familiares analisando o mecanismo da repetição e suas repercussões no trabalho.

A maturação do psiquismo do recém-nascido se dá a partir do que Spitz chamou de organizadores. Ele dividiu didaticamente tais organizadores em três tipos: a escolha do parceiro, o eu familiar e a interfantasmática.

O primeiro organizador (Escolha do parceiro) trata-se do Édipo e de suas transformações. Com o impedimento da realização do desejo edípico, o indivíduo é obrigado a canalizar seu desejo para um outro objeto, fora do contexto familiar e dessa forma constituir sua própria família. O indivíduo se depara com a realidade de não poder possuir seu objeto primário de amor, sendo assim ele busca uma identificação com a pessoa do mesmo sexo no sentido de se aproximar o máximo possível de seu desejo inicial. Assim ele buscará se comportar de acordo com quem se identifica a fim de buscar um objeto de amor o mais semelhante ao seu primeiro objeto impedido. Tal amor não é

total, mas é similar ao amor primário. Dessa forma o encontro amoroso tem um valor resolutivo, restitutivo e simbólico. Tais sentidos servem de ligação e unem o casal.

O segundo organizador (o eu familiar) divide-se em três sub-organizadores: o sentimento de pertença, o habitat interior e o ideal do ego familiar.

O eu familiar é definido como sendo um investimento individual de cada membro familiar. Esse investimento advém do sentido grupal que cada indivíduo possui de acordo com as relações objetais que estabeleceu. O eu familiar vem nesse sentido organizar essas diversas representações de relações objetais de cada indivíduo, buscando uma distinção e uma complementaridade que caracterizarão o grupo familiar.

O sentimento de pertença faz parte desse organizador. Trata-se das impressões que cada membro do grupo possui em relação ao que é o grupo familiar, da forma de comunicação criada (inconscientemente conhecida e identificada por todos os membros), da sensação de perceber no outro o reconhecimento de sua própria pertença na família (por exemplo, a criança que inconscientemente percebe aos poucos que sua mãe a vê como um dos integrantes do grupo familiar). Também se trata do reconhecimento de estar no lugar do fantasma do outro e, além disso, o sentimento de pertença evoca sensações únicas do passado.

O habitat interior refere-se à casa familiar. Esse lugar geográfico vem a compor um dado de realidade necessário ao medo que cada indivíduo do grupo tem da ameaça do desmembramento da família. Cada membro edifica em seu inconsciente um habitat que lhe é único e é a base do reconhecimento grupal. A casa vem como um sinônimo de aconchego e contenção. Pode-se dizer também que o habitat interior contribui para a representação simbólica de cada membro e de cada papel a ser desempenhado (pai, mãe e filho).

Os ideais de ego familiares dizem do futuro diferentemente do eu familiar e do habitat que dizem do passado. O ideal de ego individual vem representar o desejo que o indivíduo tem de atingir a perfeição dos pais que é, na realidade, idealizada pelo sujeito. Essa perfeição idealizada não será, entretanto, alcançada. O ideal de perfectibilidade remete também ao ideal dos pais.

O ideal do ego familiar se trata de uma junção dos diversos ideais de ego individuais, mas ele se distingue dos ideais de ego de cada um.

O terceiro organizador familiar é a interfantasmática, um processo que corresponde ao ponto de encontro dos fantasmas individuais de cada pessoa da família, fantasmas próximos por seus conteúdos. “*O fantasma liga representações inconscientes, pré-conscientes e conscientes*” (Eiguer, 1985, p.45). Ele traz o recalcado modificando sua forma. Tal forma é fantasiada e melhor aceita pelo ego. A relação amorosa vem unir o casal, na medida em que os conteúdos fantasmáticos originários se fazem presentes em ambos. Os fantasmas individuais de amor ao objeto primeiro da infância se fazem presentes. Pode-se dizer que há uma idealização do outro já que ele é revivido como se fosse o objeto primário em si.

Após entender a constituição do sujeito e suas implicações familiares, fez-se necessário relacioná-la à herança psíquica que se processa a nível inconsciente, herança essa que permitirá ao indivíduo o seu acesso ao mundo e o seu desenvolvimento como sujeito. A família nesse intuito desempenha um importante papel, no sentido de ser a chave principal dessa herança psíquica, de transmitir aos seus descendentes a forma de apreender o mundo exterior, seja através de comportamentos, valores, crenças, cultura. O grupo familiar é então o espaço de processamento da transmissão psíquica, que circula de geração em geração.

O indivíduo não constrói sua história completamente sozinho, ele se ancora em uma história familiar que lhe é pertinente, que antecede a sua concepção. Assim o aparelho psíquico do indivíduo depende de um psiquismo familiar já estabelecido nas gerações que o precedem e o novo indivíduo a ser integrado na família partilhará desse psiquismo e contribuirá para a transmissão para as gerações posteriores.

Dentro desse contexto há de se considerar dois tipos de transmissão que ocorrem concomitantemente: a herança intergeração, onde é feita de vivências psíquicas elaboradas e a herança transgeração, feita de vivências psíquicas não elaboradas, marcada por vivências traumáticas. De acordo com essas definições pode-se pensar em vivências não elaboradas e que se manifestam sob a forma de sintomas. O sintoma nesse caso seria então um entendimento da expressão do sofrimento familiar.

O fato de haver uma compulsão a repetição poderia ser pensado como sendo uma falha ocorrida nas gerações precedentes e que foram transmitidas aos indivíduos da atual geração, ficando o sujeito a mercê dessa não elaboração, levando-o muitas vezes ao sofrimento psíquico.

Segundo Freud a compulsão à repetição consiste em um processo inconsciente e impossível de se dominar. Esse processo faz com que o sujeito reproduza seqüências de atos, idéias, pensamentos, sonhos que, em sua origem, geraram sofrimento e que conservaram esse caráter doloroso. Diz também que a permanência da compulsão estaria ligada a um processo que denominou transferência, processo esse no qual o indivíduo atualiza suas relações primárias na relação com o terapeuta. No caso, supõe-se dizer que tal fenômeno ocorre também no ambiente de trabalho.

Diante disso procurou-se investigar tais mecanismos nas falas de indivíduos de uma mesma família que trabalham em uma empresa familiar. Utilizou-se da teoria psicanalítica como referência da pesquisa. Ainda sob a ótica psicanalítica procuramos bibliografia específica de estudos familiares bem como estudos a respeito das relações que o homem estabelece com o trabalho e com os companheiros que convivem na mesma organização.

Tem-se como material de estudos entrevistas semi-estruturadas de três sujeitos de uma família (pai e dois filhos) que trabalham juntos em uma empresa familiar. As falas dos entrevistados foram transcritas e analisadas de acordo com o objetivo do trabalho proposto.

Até o presente momento conseguiu-se observar possíveis relações das falas dos sujeitos com a teoria trabalhada. Puderam-se detectar semelhanças das dificuldades encontradas no ambiente de trabalho, bem como no ambiente familiar e na maneira de lidar com conflitos. Além disso, percebeu-se transmissão de valores, crenças, objetivos de vida e comportamento. Há uma tendência a repetir comportamentos de gerações anteriores numa tentativa de adequação aos padrões familiares. Pode-se dizer também que foi visualizado sofrimento na relação com o trabalho acarretando sintomas nos filhos.

### **Referências Bibliográficas:**

DEJOURS, C. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In: CHANLAT, Jean-François (org). *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. São Paulo: Atlas, 1992.

EIGUER, A. *A transmissão do psiquismo entre gerações*. Ed. São Paulo: Unimarco, 1998.

\_\_\_\_\_. *Um divã para a família*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

KAËS, R. *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

Mezan, R. *Freud: A trama dos conceitos*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.